

# 413 Sinos no tom exato da dor

São João Del Rey — Os trens apitaram na estação ferroviária. Os sinos das 22 igrejas repicaram ao mesmo tempo. Eram 9h53. O Carro de combate M-113, do Exército brasileiro, apareceu no final da Avenida Rui Barbosa, a principal da cidade, trazendo o presidente Tancredo Neves de volta a São João Del Rey. Milhares de pessoas nas calçadas e nas sacadas dos velhos casarões acenaram lenços brancos, rezaram e jogaram flores e papéis picados sobre o caixão coberto com a Bandeira do Brasil.

Ao lado do governador Hélio Garcia, toda de preto, no banco de trás do Landau do governo de Minas, D. Risoleta viu na Avenida as faixas com pensamentos de Tancredo e ouviu aplausos e cânticos, choro e lamento do povo de São João Del Rey, que invadiu a rua, misturou-se ao cortejo, correu atrás do carro de combate que levou o presidente morto primeiro ao solar dos Neves e depois à Igreja de São Francisco de Assis.

Perto da ponte da cadeia velha o M-113 parou. A rua ficou estreita de tanta gente. Houve uma chuva de papéis picados. As motos que seguiam o cortejo, aceleradas, faziam um barulho ensurdecedor. Emocionadas, choran-

do, as pessoas gritavam "Tancredo, Tancredo". Em cima do carro de combate, dois soldados cariocas que faziam a guarda de honra do caixão tinham os rostos molhados de lágrimas.

A Avenida Rui Barbosa amanheceu tomada por soldados da Polícia Militar e com cordões de isolamento verdes e amarelos em toda a sua extensão. Através dela, o povo de São João Del Rey se dirigiu aos pontos mais próximos da Igreja de São Francisco de Assis, do cemitério e do solar dos Neves onde, a pedido de D. Risoleta, o caixão com o corpo do presidente Tancredo Neves ficou cerca de uma hora apenas com os parentes e amigos mais chegados.

Uma delegação da Escola Tiradentes, tradição da cidade, levou para a avenida 130 Bandeiras históricas do Brasil. Nas camisetas de muitos rapazes, uma recordação da campanha eleitoral: "São João Del Presidente Tancredo". Moças distribuíam folhetos com a "Oração do Menino".

"Ó Deus, não deixe que o sacrifício e a crucificação do Dr. Tancredo Neves sejam em vão. Que a Nova República expurgue das fileiras militares e dos cargos civis aqueles que não souberam honrar o verde, o branco e o azul,

porque a dignidade está no homem e não na farda que o cobre.

Senhor!

Faça que o sangue de Tancredo Neves caia sobre esta terra e que os maus brasileiros sejam isolados pelo cárcere da censura interior e da Lei e que o revanchismo seja substituído pelo Código Penal".

De repente, barulho de aviões. Eram 9h46 quando o "Búfalo" da Força Aérea Brasileira surgiu no horizonte, a baixa altura, escoltado por 10 aviões "Tucano". A esquadilha sobrevoou a cidade. Fez-se um estranho silêncio, só quebrado por um sino dobrando ao longe. Depois que o "Búfalo" desceu os "Tucanos" prestaram sua última homenagem a Tancredo, voando sobre São João Del Rey em formação de cruz. E foram embora.

O presidente morto já estava em sua terra natal. A polícia redobrou a vigilância. Quem esperava sentado se levantou. Um grupo de 50 operários de uma empresa de engenharia, com macacões azuis, perfilou-se embaixo da estátua de Getúlio Vargas. Duas Kombis trazendo jornalistas que foram ao aeroporto passaram indicando que o cortejo já estava à caminho.

Mas foi o apito dos trens que trouxe as primeiras lágrimas.